

EDUCAR PARA RESISTIR: A relevância de uma oficina sobre educação antirracista nos anos finais do Ensino Fundamental, em uma escola pública de Fortaleza (CE)

RESUMO: O presente artigo apresenta uma reflexão sobre a importância da educação antirracista desenvolvida com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental da EMEIF Monsenhor Linhares, localizada no bairro Parquelândia, em Fortaleza-CE. A atividade foi realizada por ocasião da celebração da Data Magna no Ceará e teve como objetivo promover a escuta, o diálogo, o debate e a compreensão sobre estratégias de enfrentamento ao racismo no ambiente escolar e na sociedade em geral. As metodologias ativas foram desenvolvidas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, em parceria com a professora supervisora do projeto. Os resultados revelam que a ação contribuiu para o fortalecimento da identidade dos alunos, além de favorecer a construção de um ambiente mais seguro, acolhedor e consciente.

PALAVRAS-CHAVE: Escola pública; Educação antirracista; Oficina pedagógica; Identidade.

INTRODUÇÃO:

Falar sobre racismo no espaço escolar é uma demanda urgente que ultrapassa não apenas as vivências de estudantes negros, mas também envolve o compromisso de profissionais da educação em formação ou já atuantes, e de toda a comunidade escolar. Discutir essas questões é fundamental para o desenvolvimento dos estudantes enquanto participantes e agentes de transformação social. Apesar dos avanços legais, como a Lei nº 10.639/03, sancionada em 9 de janeiro de 2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares de todo o país, abrangendo tanto o ensino fundamental quanto o médio, tanto em escolas públicas quanto privadas; bem como o dia 20 de novembro, Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, instituído pela Lei 12.519/2011, representando um marco de uma celebração importante, já que lança luz sobre o combate ao racismo no Brasil, ainda existem lacunas no trabalho do ensino em sala de aula, no que se refere à construção da identidade dos estudantes, em especial, estudantes negros oriundos da periferia.

Diante do exposto, a proposta deste artigo tem como objetivo principal indicar e discutir as percepções sobre os impactos de falar sobre o racismo, a identificação com a própria história e com a do Estado, bem como analisar o comportamento desses estudantes quando provocados a refletir sobre essas temáticas em sala de aula. A oficina, nesse contexto, surge como resposta à necessidade de proporcionar um espaço de conhecimento, escuta e reflexão, caracterizando a escola como um espaço de territorialidade simbólica e disputa de memória. Ao estimular uma pedagogia direcionada para o conhecimento, o respeito e a diversidade étnico-racial, além do enfrentamento às condutas discriminatórias que, muitas vezes, manifestam-se de maneira sutil, como no caso do racismo estrutural.

Neste sentido, a atividade com os alunos não se limitou a simplesmente ensinar “o que é racismo” de modo vertical, pois a grande maioria já reconhece por vivenciá-lo

cotidianamente na própria pele, não necessitando de alguém que os ensine, mas foi de criar condições para que os alunos identificassem as suas potencialidades e compreendessem que existem caminhos de resistência, tanto no passado quanto na contemporaneidade; e fazer essa análise sobre suas vivências, estimulando a construção de um senso crítico de maneira ativa e consciente, o que reforça o papel da educação como agente transformador da sociedade.

JUSTIFICATIVA/OBJETIVO:

A temática faz-se relevante a partir do “pensar” da escola pública como ambiente possível de resistência e transformação, quebrando a lógica do saber institucionalizado como algo que deva ser reproduzidor de silenciamento e apagamentos históricos, propostos sempre pela educação tradicionalista. Os objetivos, portanto, foram pensados para além de um conteúdo teórico: envolve a escuta dos estudantes sobre suas realidades; a exibição de trechos de músicas como “*Cota não é esmola*” da cantora e compositora Bia Ferreira. A letra traz em seus versos um relato sobre as dificuldades impostas pela sociedade às mulheres negras, desde a infância até a fase adulta, fazendo uma demonstração interseccional desse cotidiano.

A justificativa desta análise emerge como uma potencialidade de objeto de pesquisa, à medida que ele se dá por dois motivos principais, para além da celebração da Data Magna. O primeiro é a constatação de que a presença majoritária do corpo discente é composta por estudantes pretos e pardos, e os decorrentes relatos sobre racismo sofridos dentro e fora do ambiente escolar podem afetar, dentre outros fatores, diretamente à autoestima, o rendimento e a permanência de estudantes racializados.

Paulo Freire (1970) nos ajuda a pensar sobre esse cenário, pois para o autor “*a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo.*” (Freire, 1970, p.44). Tal reflexão nos proporciona entender que a palavra como instrumento transformador das vivências é o que motiva as tomadas de decisões, a oportunidade de proporcionar aos envolvidos (bolsistas e alunos) um momento de aprendizagem e de troca de experiências, além da compreensão de que o maior objeto ali presente foi a escuta.

O segundo motivo diz respeito ao papel social da escola pública, que pode e deve desempenhar a função de edificadora do saber, enquanto espaço de formação cidadã na construção dos valores coletivos de seus alunos. Dentro dessa perspectiva conjuntural, falar sobre racismo é reconectar a sua existência e, sobretudo, utilizar-se da prática pedagógica como ferramenta de transformação e transmissão de consciência.

Dentre outros aspectos, portanto, os elencados foram a matriz de grande parcela da ação. Tal afirmativa desponta ao situar a oficina na EMEIF Monsenhor Linhares, reconhecendo a importância de ações localizadas, que buscaram atender às especificidades de toda a comunidade escolar em questão, e, dessa forma, entender que não se pode generalizar a observação realizada e estender para toda a Rede Municipal de Fortaleza, visto que, as experiências coletadas foram feitas a partir da observação de uma realidade específica. Assim, com a abordagem foi possível compreender o racismo tendo como ponto de partida as experiências concretas vividas pelos sujeitos participantes.

Sobre a materialidade da ação, pode se dizer que a oficina foi uma ação concreta dentro de uma escola periférica de Fortaleza que, apesar dos desafios, se mostrou aberta ao diálogo e à construção de uma prática pedagógica mais justa e inclusiva. Entre as muitas especificidades no decorrer do trabalho, destacou-se a promoção da identidade negra como valor positivo e digno de celebrar os próprios reconhecimentos. No livro “*Vozes afro-atlânticas*” de Rafael Domingos de Oliveira, reforça-se como a invisibilidade das populações racializadas foi e é um projeto de negação das histórias afro-brasileiras.– Um ponto de destaque da obra é que as principais fontes do autor são autobiografias de escravizados, ex-escravizados e seus descendentes, situados no Sul global, o que dialoga diretamente com a oficina, já que se baseou em recortes das próprias experiências-. Essa realidade demonstra que romper com o racismo estrutural exige ações pedagógicas afirmativas e contínuas, pois ao se convidar os estudantes a refletirem sobre ancestralidade e pertencimento, percebeu-se que a oficina estabeleceu laços identitários e abriu caminhos para que novos modos de pensar pudessem emergir dentro do espaço escolar.

Outro ponto relevante a ser observado foi o estímulo do pensamento crítico e senso de coletividade diante da naturalização de práticas racistas. Ao criar um local seguro de partilha, os estudantes puderam reconhecer formas de violência e nomeá-las, o que é parte fundamental do processo emancipatório de consciência, pois “*Narrativa e militância fazem parte dos jogos de memória, e ao historiador bem disposto não resta opção exceto enfrentar esses jogos com ferramentas e métodos.*” (OLIVEIRA,2022, p.24). Essas ferramentas e métodos são o diferencial no momento da abordagem, visto que não se pode trazer conteúdos extremamente acadêmicos para alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. É necessária a seleção e a adaptação das informações repassadas, para que haja a compreensão e interesse na temática trabalhada.

Pensando nisso, a escolha do que foi repassado foi feita de maneira que atendesse aos interesses e gostos dos próprios alunos, com uma linguagem mais lúdica e acessível. Esse enfoque tornou o momento expositivo mais parecido como uma boa conversa, além do que a adaptação do assunto não só gerou simetria no diálogo, como propiciou sugestões dos próprios estudantes sobre as questões relacionais.

Portanto, a oficina teve como finalidade assumir uma postura antirracista concreta e cotidiana, indo além da realização pontual de atividades. Ora, é preciso alargar o conhecimento de que as narrativas, as lutas, as conquistas, as vidas negras são também pedagógicas, pois apresentam diferentes formas de violências, de resistências, ao criar e ao transformar as múltiplas realidades. Perante isso, a escola pode ser entendida como território vivo, capaz de formar sujeitos conscientes e agentes engajados na construção de uma sociedade plural e mais justa, reafirmando a necessidade de uma educação pública que reconheça a centralidade das vozes negras como parte indivisível do tempo presente e da perspectiva de um futuro coletivo.

METODOLOGIA:

Inspirada nas propostas da Educação Popular freiriana, a prática buscou romper com a lógica tradicionalista e hierarquizada dos saberes. A escolha por metodologias participativas teve como propósito central estabelecer um espaço de aprendizagem onde os sujeitos se

sentissem parte do processo, acolhidos em suas subjetividades e estimulados à reflexão crítica sobre o racismo.

A oficina foi dividida em duas partes que se articularam entre si de maneira orgânica. O primeiro momento foi a acolhida dos estudantes, com um tempo de conversa para conhecer o que os alunos já sabiam ou entendiam em relação ao tema. Essa escuta inicial foi importante para nortear os caminhos das falas ministradas pelos bolsistas, permitindo que o conteúdo fluísse de maneira mais descontraída. Em seguida foram exibidos vídeos de músicas de artistas negros, com mensagens relacionadas à temática discutida como: Djonga, Bia Ferreira e Preta Rara, integrante do grupo Tarja Preta. Cada exibição foi intercalada à fala de um dos bolsistas presentes.

Ainda trabalhando personalidades importantes foram apresentados grandes nomes da história negra no Ceará e no Brasil, como: Zumbi e Dandara dos Palmares, Chico da Matilde mais conhecido como Dragão do Mar, Preta Tia Simoa, Luiz Gama e vários outros. Foi citado também a lei de nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que institui as regras sobre a política de cotas raciais, abrindo a discussão sobre os acessos às universidades e aos concursos públicos. A partir disso, enfatizou-se como esses direitos foram conquistados pelo movimento negro e estudantil, destacando que essas conquistas são frutos de luta, mobilização e resistência, e não algo dado, mas sim conquistado.

Outro momento importante da oficina foi uma dinâmica coletiva, na qual os estudantes foram convidados a escrever e desenhar em cartazes, o que eles entenderam sobre a vida dessas pessoas e como eles de alguma forma contribuíram para a resistência do povo negro em sua época e para a história. Essa atividade possibilitou a expressão de sentimentos e experiências de forma livre e criativa, respeitando os tempos e limites de cada aluno. A produção dos cartazes funcionou como um catalisador emocional, permitindo que os estudantes se vissem refletidos nas vivências uns dos outros, enxergando nos grandes nomes do movimento negro: representatividade, o que fortaleceu o senso de pertencimento dentro do grupo.

Além da problematização das discussões sobre o encarceramento em massa da população negra, a demonização das religiões de matriz africana, a distorção da estética e da beleza negra por meio de comparações preconceituosas, também foram discutidas frases de forte impacto simbólico, como: “racismo não é opinião, é crime” e “meu cabelo é resistência”. Esses elementos foram incorporados de forma acessível e dialogável, com o objetivo de reforçar a valorização da identidade negra e da necessidade de uma postura ativa diante das práticas discriminatórias. O momento final contou ainda com a exposição dos cartazes produzidos pelos alunos, promovendo o reconhecimento de suas vozes no espaço escolar.

A metodologia utilizada privilegiou, portanto, o diálogo, a expressão artística, a escuta ativa e a construção coletiva de sentidos. Mais do que transmitir conteúdos, a oficina visou provocar transformações na maneira como os estudantes compreendem a si mesmos, os outros e o mundo à sua volta. Essa abordagem não apenas contribuiu para o fortalecimento das identidades negras, como também incentivou interações, a reflexão e o engajamento dos alunos não negros sobre seu papel no combate ao racismo. Assim, a escola se mostrou como um espaço vivo, capaz de acolher, formar e transformar a realidade, a partir de experiências significativas e humanizadas.

Nesse sentido, a oficina buscou incentivar de maneira transversal, a análise e a desconstrução de discriminações raciais, promovendo nos educandos o reconhecimento e a problematização das formas em que o racismo se manifesta, em grande parte das vezes, de maneira sutil e velada nas interações do dia a dia. A empatia foi a competência ética reconhecida como fundamental para o convívio em um espaço coletivo, sobretudo quando se trata de situações de exclusão.

O estudo que embasou a construção desta análise foi realizado de maneira qualitativa, e evidenciou a relevância de espaços de escuta e engajamento como instrumentos de grande importância para dar voz a discursos historicamente silenciados, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral. Um ponto que merece destaque na análise foi a postura de estudantes não racializados, que demonstraram um certo desconforto, surpresa e indignação ao se depararem com as diferentes realidades vividas por seus colegas. A partir disso, passaram a compreender melhor as formas estruturais e sutis que o racismo atua no cotidiano, refletindo sobre o impacto de determinadas palavras ou atitudes que, por meio da oficina, puderam “enxergar o outro com mais cuidado”. Isso trouxe o retorno de que a proposta não apenas reforçou a identidade negra, mas também fomentou deslocamentos nas percepções de todos os estudantes, ampliando a consciência sobre as participações e responsabilidades de um coletivo no combate a ações discriminatórias de qualquer natureza.

IMPRESSÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA:

Muitas são as camadas encontradas ao adentrar a sala de aula de uma escola pública, seja por fatores econômicos e sociais dos estudantes, seja pela falta de infraestrutura da escola que limita, por vezes, atividades mais elaboradas. Esses e outros fatores acabam desestimulando tanto o corpo discente, quanto o docente, de tal forma que esses desafios podem levar à uma prática pedagógica enrijecida e até mesmo automatizada, tornando o processo de ensino-aprendizagem em algo passivo e sem grandes impactos.

Por isso, não é difícil encontrar professores sem disposição para inserir novos projetos ou diversificar suas metodologias de ensino durante o calendário escolar. Desabafos como “Essas coisas dão trabalho, sabe?” escancara que o esforço adicional empregado pelo professor para a realização de oficinas, aulas de campo, projetos interdisciplinares, entre outras coisas, pode impactar diretamente na prática docente que já é desafiadora. Todavia, essas iniciativas adicionais possuem o poder de transformar significativamente a relação desenvolvida na escola e na consolidação de um conhecimento. Isto porque quando o processo de ensino-aprendizagem é associado à um momento afetivo, ele tem muito mais chance de ficar gravado na memória dos estudantes, podendo deixar marcas duradouras e profundas.

É inegável a presença da escola no cotidiano juvenil, embora nem sempre as práticas culturais jovens encontrem morada na escola, o que acaba provocando distâncias e desafios intransponíveis, muitas vezes, entre cultura escolar e culturas juvenis. (VENTORINI, 2010, p.100)

Nesse contexto, é relevante destacar também que a desconexão entre as culturas juvenis e a cultura escolar tradicional pode criar barreiras difíceis de transpor embora a escola

esteja posta como uma das principais instituições de socialização do processo formativo de crianças e adolescentes, muitas vezes não se mostra disposta a acolher as linguagens, as formas de existir e os saberes trazidos pelos alunos e seus contextos. Essa realidade, porém, não se aplica a EMEIF Monsenhor Linhares, que se manteve disposta e aberta para a realização da oficina. Infelizmente, essa abertura e sensibilidade parece ser uma exceção, visto que o que se encontra comumente é uma certa resistência, que se expressa por meio de uma desvalorização da estética diversificada da cultura negra, dos dialetos, das manifestações artísticas e das experiências vividas no cotidiano pelos alunos. Isso contribui para a criação de cenários com grandes abismos simbólicos e afetivos entre as particularidades dos estudantes e o que a escola espera que eles sejam.

O amor-próprio não pode florescer em isolamento. Não é uma tarefa fácil amar a si mesmo. Axiomas simples que fazem o amor-próprio soar fácil só tornam as coisas piores. Eles levam muitas pessoas a se perguntarem por que continuam presas a sentimentos de baixa autoestima e auto-ódio se é assim tão fácil se amar. (HOOKS, 2000, p.79).

É sabido que se vive em uma sociedade que teve seus primórdios forjados em um sistema escravista-colonial. E mesmo após a abolição da escravatura, permanecem traços de discriminação, amparados por mecanismos como o racismo estrutural. Essa é uma triste realidade que se manifesta em várias esferas e de diferentes formas, em especial, no ambiente escolar. Diante disso, tratar autoestima e o reconhecimento do belo na estética negra não é tarefa fácil. Desta forma, é preciso reafirmar, cotidianamente, a importância de propostas pedagógicas que rompam com o academicismo estéril, o que permitirá a abertura ao novo com o nascimento de um dialogismo verdadeiro.

Incorporar culturas juvenis à cultura e conhecimentos prévios dos alunos não necessariamente significa diluir o conhecimento formal, mas enriquecê-lo com saberes integradores e novas estratégias para uma educação integral e libertadora. A oficina, nesse contexto, foi um primeiro passo para permitir, ainda que temporariamente, morada do conhecimento da ancestralidade e representatividade negra, com suas potencialidades, sonhos e aspirações. E ao concretizar isso ao dar passos, ainda que incipientes, é possível aproximar-se do sentido mais profundo da educação: transformar a escola em espaço de memória, resistência e afetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A presença de um campo seguro e acolhedor permitiu que os alunos se posicionassem com maior liberdade, caracterizando a escola como espaço de escuta e transformação. Com isso, a oficina despertou interesse não apenas dos alunos, mas de todo o corpo docente em incorporar práticas mais inclusivas no cotidiano escolar, reforçando a posição de destaque juvenil no combate ao racismo. Ressalta-se também o fato de que é possível tratar o racismo como responsabilidade e afeto na escola pública. Essa percepção foi notada, dentre outros fatores, a partir do uso de uma metodologia participativa, o que tornou possível edificar um ambiente que valorize mais as múltiplas identidades.

A atividade, desse modo, propiciou o reforço do papel da escola enquanto agência transformadora do social. Não obstante, é crucial que se tenha a compreensão que iniciativas como essas não esgotam o debate, mas indicam novos caminhos para que ações contínuas sejam articuladas, fortalecendo uma prática pedagógica verdadeiramente antirracista. Além disso, é de grande necessidade que a formação de professores, o currículo escolar e a gestão estejam, de fato, voltadas e comprometidas com essa agência.

Para tanto, programas como o PIBID apresentam-se como um verdadeiro privilégio. Ele possibilita a aquisição de experiência em sala de aula, prepara o educador em formação para a realidade escolar, o que possivelmente o faria enfrentar muito mais dificuldades ao ser inserido no mundo do trabalho sem essas vivências. Essa oportunidade também possibilita o trabalho da autoconfiança, e treina o olhar para a percepção de realidades, que podem ser semelhantes ou completamente diferentes da realidade dos bolsistas. Esse contraste de experiências é o que propicia a troca e o enriquecimento da vivência no projeto. Quando o bolsista é inserido em um espaço escolar, é nesse momento que é posto em prática a teoria, as inúmeras possibilidades e as dimensões do ensino.

A vivência antecipada no dia a dia da realidade escolar, portanto, possibilita uma visão mais sensível aos contextos de vida, às desigualdades e à diversidade cultural dos estudantes. Assim, o programa não apenas fornece formação técnica, experiência de gestão de sala, mas também forma docentes mais humanizados e conscientes de seu papel social. Logo, o impacto é extremamente positivo em muitos aspectos do profissional em formação docente.

Ademais, o planejamento de todas as ações inerentes à oficina pedagógica antirracista, alinhou-se aos princípios previstos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse embasamento foi primordial, haja vista que é extremamente salutar o uso e o conhecimento das habilidades e competências previstas pela BNCC para a convivência ética, o reconhecimento das contribuições das populações afro-brasileira e indígena para a formação nacional brasileira, e para o real o compromisso com os direitos humanos.

Considera-se, assim, que o que foi proposto pela oficina deve ser fortalecido e intensificado no currículo das escolas públicas. E essas discussões trazidas pela oficina também não podem ficar limitadas a datas comemorativas, mas, sim, fazer parte de um projeto maior que perpassasse as demais disciplinas e se estenda por todo o ano escolar. Daí que a oficina representou muito mais do que um projeto pontual. Ela significou uma concepção de conhecimento antirracista, que integra a memória, a identidade, as potencialidades e as lutas de resistência como dimensões indissociáveis na formação humana, o que torna possível a materialização conceitual de uma verdadeira e efetiva educação antirracista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Sílvia Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/> acesado em 8 de Julho de 2025.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 12 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de educação profissional e tecnológica e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 ago. 2012.

CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de história?. **História & Ensino**, v. 21, n. 2, p. 105-124, 2015.

CHALHOUB, Sidney. Visões da Liberdade, uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 287 p.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. **Revista de Educação Pública**, v. 21, n. 46, p. 275-288, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOOKS, Bell. "Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade". Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

OLIVEIRA, Rafael Domingos de . Vozes afro-atlânticas: autobiografias e memórias da escravidão e da liberdade. São Paulo: Editora Elefante, 2022. p.299.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia histórico-crítica. Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências, v. 3, n. 2, p. 11-36, 2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/rbba/article/view/1405> . Acesso em: 08 jul. 2025.

SOUSA JÚNIOR, Justino de. A Crise na Escola. E-book. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 288 p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10234>. Acesso em: 5 de julho de 2025.

TENÓRIO, Jeferson. O avesso da pele. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

